

# Apresentação Dossiê Novos Olhares

## Comunicação e religiosidade, duas ancestralidades que se encontram

Ao propor um dossiê sobre comunicação e religiosidade, a Novos Olhares busca estimular o empreendimento do olhar especificamente comunicacional sobre um tipo de institucionalidade ancestral, constitutiva da sociedade humana, fazendo assim convergir dois universais típicos da cultura, desde os primórdios da espécie. Religião e comunicação são experiências originais da humanidade, constituintes da experiência, do conhecimento e do convívio social.

A modernidade contemporânea, contudo, com a emergência do racionalismo iluminista decorrente das revoluções burguesas na Europa e da constituição do Novo Mundo nas Américas, movimentou de forma antípoda esses dois sentidos originários da vida humana.

Por um lado, a emergência da cultura burguesa se deu contra a hegemonia católica, no que criou condições para o anticlericalismo e, no limite, o ateísmo, que foi capaz de arrancar Deus da equação do conhecimento moderno, propiciando o domínio humano e tecnológico sobre a natureza. Essa experimentação foi de tal modo intensa que os teóricos da virada do século XIX ao século XX entreviram o completo desencantamento do mundo, na esteira da laicização do Estado e da secularização das sociedades e culturas.

Por outro lado, houve o simultâneo e vertiginoso desenvolvimento das tecnologias de comunicação, que rapidamente se institucionalizaram no formato dos chamados “meios de comunicação de massa” e, em seguida, alcançaram um nível inaudito de capilarização social, com o surgimento e a popularização da internet e das redes sociais virtuais. O crescimento das redes mediadas de comunicação foi de tal modo abrangente que, no crepúsculo do século XX, as últimas grandes teorias de sociedade produzidas – a Teoria dos Sistemas Sociais, de Niklas Luhmann, e a Teoria da Ação Comunicativa, de Jürgen Habermas – foram, ambas, teorias centradas no conceito de comunicação, embora antípodas no modo como definiram o conceito e descreveram a constituição comunicacional da sociedade.

É possível dizer que a desvalorização do religioso não ocorreu. Mesmo com os prodigiosos avanços científicos, que alteraram todos os horizontes do planeta e propiciaram uma produção de riqueza jamais vista na história humana, historiadores e teóricos sociais são unânimes em dizer que nunca a humanidade foi tão religiosa, jamais o mundo foi tão encantado...

E, nesse sentido, pode-se afirmar também que a revalorização do religioso ocorreu exatamente na esteira do avanço das comunicações. Se, no início, o discurso religioso tradicional percebia no desenvolvimento das tecnologias e instituições de comunicação uma espécie de obra de Satanás ou, no mínimo, um risco aos controles institucionais religiosos da cultura, paulatinamente todas as denominações e os movimentos espirituais foram assumindo os sentidos midiáticos e se adequando, tanto do ponto de vista técnico, quanto do de linguagem, aos novos sentidos generalizados pelas mídias.

Isso é relativamente simples de entender. As mídias e igrejas são, ambas, institucionalidades do mesmo tipo: o que Thompson denomina “instituições de poder simbólico”, isto é, aquelas cujo modo central de reprodução é a constituição

de audiências em torno de si, para os processos de produção e reprodução da experiência, da linguagem e da cultura. As audiências comunicacionais das igrejas são identificadas nos fiéis e a religião, uma atividade especificamente comunicacional.

Desse modo, os movimentos e as instituições religiosas são dispositivos comunicacionais de formação identitária ou institucionalidades de poder simbólico. Tal orientação percebe o religioso como um âmbito da vivência humana inteiramente atravessado pela comunicação, em vários sentidos, desde as relações comunicacionais face a face, até os sistemas institucionais e/ou tecnológicos que articulam comunicabilidades privadas e públicas.

Os templos sempre foram dispositivos de intensa comunicação, razão pela qual costumam ser articulados aos processos, tecnologias e meios de comunicação de cada época. Com a emergência da internet, há hoje, inclusive, práticas religiosas inteiramente virtuais, algumas das quais constituída por “desigrejados”, os crentes “sem religião”, inclusive os espiritualistas não religiosos, no sentido institucional do termo.

É pois central, interessante e complexa a relação entre comunicação e religiosidade no mundo contemporâneo. E este Dossiê buscou acolher contribuições de pesquisadores e estudiosos desse campo acadêmico de interface. Nesse sentido, apresenta seis artigos de diferentes pesquisadores, que demonstram a diversidade que a temática pode abranger. Senão vejamos.

O texto de **Luis Mauro Sá Martino**, da Faculdade Cásper Líbero, denominado “Microinterações, religião e comunicação: uma exploração sobre a presença de mensagens religiosas em espaços laicos” busca entrever aspectos da relação entre religião e comunicação a partir de mensagens religiosas em ambientes laicos, em perspectiva microssociológica. O artigo, então, estuda elementos esparsos e inesperados, como panfletos, letreiros, tatuagens, objetos e conversas. O autor concede, nesse sentido, interessante relevo para o desenvolvimento do que chamou uma “microcomunicação”, capaz de se capilarizar em lugares e situações a que as mídias sociais e religiosas institucionais não alcançam.

Outro artigo extremamente interessante em que a comunicabilidade religiosa identifica sintomas emancipatórios é o texto “Brincar e resistir: como a fotoetnografia revela o empoderamento de crianças em terreiros de umbanda contra o racismo religioso escolar”, de **Maria Cristina Marques**, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Trata-se de um estudo das práticas lúdicas de crianças umbandistas, num terreiro do Rio de Janeiro, que funcionam como auxiliares no enfrentamento do racismo religioso em ambientes escolares. A autora conclui que o respeito a essas experiências religiosas e lúdicas nos currículos escolares poderia contribuir para a valorização da diversidade religiosa e cultural dentro de ambientes escolares inclusivos.

O texto seguinte estuda a “Dimensão comunicacional em práticas culturais nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) em Mato Grosso, Brasil”. Neste trabalho, os professores **Gibran Luis Lachowski**, da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), e **Yuji Gushiken**, da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), buscam compreender as expressividades do modo de ser cristão no âmbito das CEBs, a partir de um olhar etnográfico e autoetnográfico, por meio da observação participante. Ao longo do trabalho, os autores constatarem o avanço propiciado pelo modelo teórico da comunicação como cultura.

No plano do catolicismo midiático, apresentamos a contribuição dos professores **Josenildo Soares Bezerra**, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), **Issaaf Karhawi**, da Universidade Paulista, **Odlinari Ramon Nascimento da Silva** e **Ana Carolina dos Reis de Moraes Trindade**, estes últimos também da UFRN. O artigo, sob o título “Do altar às mídias sociais: características da visibilidade midiática do padre Patrick Fernandes”, estuda a presença digital do padre Patrick Fernandes no Instagram e no YouTube para destacar os aspectos comunicacionais que desencadearam a multiplataformização e os processos de convergência, num contexto de midiatização e descentralização da comunicação religiosa.

Já um caso religioso de alta intensidade comunicacional foi o do médium João de Deus, de Abadiânia-GO, que, após o escândalo, foi transformada em série documental pela Globoplay, sob o título *Em nome de Deus*. Esta ficcionalização foi tomada como objeto do estudo de **Marcos Vinícius Meigre e Silva**, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), cujos resultados encontram-se analisados neste Dossiê, no artigo “Estratégias de ficcionalização do real: o caso João de Deus pelas lentes da narrativa ficcional seriada”. O autor conclui de forma rica, identificando apagamentos, ações de mundialização e a construção de personagens prototípicas para figurar as mulheres violentadas e convocar preceitos melodramáticos para a estrutura narrativa.

E, por fim, temos a contribuição do professor **Allan Macedo de Novaes**, do Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp), intitulado “A tese subliminar adventista: manipulação midiática como teoria conspiratória religiosa”. Neste trabalho, o autor identifica a existência de uma tese subliminar, de teor conspiratório e apocalíptico, no discurso adventista do sétimo dia inscrito em livros dessa confissão religiosa sobre mídia, publicados entre 1950 e 1990. Em sua análise, são identificados os elementos das teorias subliminares, desenvolvidas e popularizadas nos Estados Unidos nos anos 1950, assim como a influência da metanarrativa do Grande Conflito, o confronto cósmico entre Jesus e Satanás, que compõe a crença adventista.

Pode-se observar que a comunicabilidade religiosa abrangida pelos textos deste Dossiê percorre os mais diversos espaços denominacionais, desde o catolicismo midiático até o espiritualismo escandaloso, passando pelas concepções conspiracionistas do protestantismo conservador e pelas possibilidades emancipatórias da infância umbandista, sem deixar de observar os sentidos do religioso na cotidianidade dos espaços laicos.

A comunicação constitui, portanto, um universal humano que pode contribuir para explicar os diferentes mundos simbólicos que estruturam os sentidos da vida. Essa proposição pode ser, sim, demasiada para descrever um simples dossiê, na limitação dos objetos apresentados nos trabalhos que publica, entretanto parece-nos suficiente para justificá-lo como contribuição relevante para o rico campo acadêmico da comunicação no Brasil.

Boa leitura!

**Luiz Signates**